

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TRADIÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL A PARTIR DO BAR LUIZ

A importância da preservação da memória da boemia carioca.

Ana Beatriz Valle Couto

Rio de Janeiro, dezembro de 2023

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TRADIÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL A PARTIR DO BAR LUIZ

A importância da preservação da memória da boemia carioca.

Ana Beatriz Valle Couto

Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em História (licenciatura) da Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada
em História.

Orientador:

Prof. Dr. Antonio Edmilson Martins Rodrigues

Rio de Janeiro, dezembro de 2023

Agradecimentos

À PUC-Rio pela oportunidade de concluir a graduação com uma bolsa integral durante todo o curso, e por todas as experiências vividas em sua comunidade desde 2019.

A todos os educadores que travei contato ao longo do curso de Licenciatura em História e ao longo de toda a minha trajetória, todos esses contribuíram na minha formação de alguma forma.

A minha mãe Luciana, ao meu pai Alberto e a minha irmã Neusa por me derem as bases para as conquistas de hoje.

Ao meu orientador, Antonio Edmilson Rodrigues por me aceitar como orientanda, pela dedicação ao longo dessa jornada e sobretudo, por ser uma das fontes de inspiração para a escolha do meu tema.

A minha leitora crítica, Juçara Mello, que além de ter aceitado avaliar meu trabalho, me acolheu também no Programa de Educação Tutorial (PET História). A ela, dedico minha eterna gratidão e admiração.

Ao meu namorado e companheiro de vida, Hugo Godoy, que compreendeu e apoiou cada fase conturbada durante a confecção desse trabalho, se fazendo presente e me ajudando em tudo que era possível.

As coincidências da vida que me fazem amadurecer e traçar os rumos do meu destino, muitas vezes de maneiras inesperadas.

Nós somos anjos de uma só asa. Só podemos voar quando abraçamos um ao outro.

Resumo

O presente trabalho monográfico apresentado para obtenção do grau de Licenciatura em História visa compreender os estreitos laços entre a memória, o lugar, e a tradição dos botequins na região central do Rio de Janeiro, elucidando em especial a trajetória do Bar Luiz. A pesquisa foi feita através de levantamento bibliográfico sobre o tema, levando em consideração entrevistas já realizadas com os primeiros doze bares registrados pela Prefeitura do Rio de Janeiro como patrimônios culturais da cidade. A partir desse recorte espacial, analisaremos como a construção da identidade cultural se desdobra a partir da convivência nesses locais. Nos debruçaremos sobre a importância da preservação da memória e as consequências das diversas transformações vividas no centro urbano carioca.

Palavras chaves: Tradição, identidade cultural, usos da cidade, botequim, boemia, memória.

Abstract

This monographic work presented to obtain the degree in History aims to understand the close ties between Memory, the place, and the tradition of bars in the central region of Rio de Janeiro, elucidating the trajectory of Bar Luiz. The research is carried out through a bibliographical survey on the topic, considering interviews already carried out with the first twelve bars registered by the City of Rio de Janeiro as cultural heritage sites in the city. Apart from this spatial outline, we will analyze how the construction of cultural identity unfolds from coexistence in these places.

Keywords: Tradition, cultural identity, uses of the city, bar, bohemia, memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
 CAPÍTULO 1 – A Origem da Boemia Carioca	 10
1.1 Contexto e Herança do Bar Luiz	12
 CAPÍTULO 2 – Patrimônio e Memória	 19
2.1 Usos da Cidade	21
2.2 O Movimento Antinazista no Rio de Janeiro	24
 CAPÍTULO 3 - Gentrificação	 27
3.1 Dos Anos de Ouro ao Esvaziamento da Cidade	32
 CONCLUSÃO	
Considerações finais	34
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 36
 FONTES	 38

Tire da cidade o impacto civilizatório dos seus
bares e teremos um Garrincha sem a bola.

Luiz Antonio Simas, O Corpo Encantado Das Ruas

Introdução

No Brasil, desde a Constituição Federal de 1988, os patrimônios culturais contemplam os bens materiais e imateriais representativos da diversidade cultural brasileira, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, por meio de suas formas de expressão; dos modos de criar, fazer e viver; das criações científicas, artísticas e tecnológicas; das obras, dos objetos, dos documentos, das edificações; dos conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988; IPHAN, 2018).

Por outro lado, a memória histórica está relacionada à preservação das lembranças, experiências, tradições, narrativas e valores de uma comunidade ao longo do tempo. Ela abrange não apenas os eventos e datas importantes, mas também as histórias pessoais, as tradições orais, as práticas culturais e os costumes que moldaram a identidade de um grupo.

A relação entre os patrimônios históricos e a memória histórica é profunda, pois os patrimônios físicos muitas vezes são os guardiões materiais da memória coletiva de uma sociedade. Eles são símbolos tangíveis que evocam histórias, tradições, eventos e valores que são transmitidos ao longo das gerações. Por meio da preservação dos patrimônios históricos, a memória histórica é mantida viva, permitindo que as pessoas se conectem com o passado e compreendam melhor a sua própria identidade cultural.

Diante disso, este trabalho discute sobretudo, a importância dos botequins e bares tradicionais no centro do Rio de Janeiro a partir do microcosmos do Bar Luiz durante o período da sua existência, destacando o papel desses espaços na construção da identidade cultural da cidade. Começo explorando a fusão entre liberdade e acolhimento que esses lugares oferecem, propiciando um ambiente de descontração e conexão entre pessoas de diferentes origens. Destaco como principal delimitação temática a preservação histórica e cultural dos botequins cariocas, e a sua relação com momentos políticos e sociais marcantes, inclusive durante a Revolução de 1930.

O texto discute a herança cultural desses locais, sua relação com a urbanização do Rio de Janeiro e a transformação da cidade ao longo dos anos. Também aborda a questão

do patrimônio cultural, ressaltando a importância de preservar esses espaços como elementos significativos da memória coletiva da cidade.

A conclusão do trabalho é acerca do processo de gentrificação, fenômeno urbano que afeta a dinâmica e a distorce a identidade dos bairros historicamente ocupados por comunidades centenárias. A gentrificação em conjunto com a especulação imobiliária, desocuparam muitos imóveis históricos na capital carioca, essa monografia busca principalmente reviver a memória desses locais, e elucidar a problemática de assistirmos bares, como é o caso do Bar Luiz, fecharem suas portas.

A metodologia proposta consiste no levantamento bibliográfico que trata das variadas concepções de identidade cultural gestada nos botecos do século XVIII e início do século XX, assim como a maneira que as relações sociais foram desenvolvidas na cidade do Rio de Janeiro.

Capítulo I - A origem da boemia carioca.

A cidade do Rio de Janeiro, uma das metrópoles mais reconhecidas do mundo pelo seu caráter cultural, tem uma história marcada pelo desenvolvimento acelerado que passeia entre o natural e o urbano. Constantemente seus aspectos únicos são modificados, ganhando faces modernas que se adaptam as mudanças sociais e se misturam com elementos parisienses de uma época não tão distante. Dentre os lugares que carregam importante valor cultural para a cidade e seus habitantes, se destacam os bares e restaurantes centenários, que foram locais de encontros emblemáticos de grandes personalidades da cena carioca e que resistem em funcionamento até o presente.

Há quem não entenda a relevância de uma mesa de bar, ainda que estas sejam ambientes indiscutivelmente socializantes. Os meios sociais convencionais, como escola ou trabalho partilham entre si algumas características, como a convivência constante, sentimento de pertencimento, construção de relações pessoais. O convívio mencionado é de fundamental importância para o desenvolvimento do repertório cultural de um indivíduo ou de um grupo, e responsável também pela manutenção das relações humanas.

Tais ciclos sociais ultrapassam barreiras familiares e escolares já que é possível encontrar nos bares, essas mesmas vivências capazes de propiciar a criação, o estreitamento e a permanência de vínculos. Botequins, bares, boticas. Pouco importa a conceituação gramatical diante do sentido único que os termos citados carregam. A identidade cultural forjada por esses espaços atravessa toda a história do Rio de Janeiro.

O arcabouço cultural desses estabelecimentos revela não apenas o papel da comida e da bebida como marcadores identitários, mas também as complexas relações desses itens como memória e patrimônio, dentro do contexto mais amplo da produção do espaço urbano e das cidades.

Caracteristicamente dentre dos botecos cariocas, acontece uma fusão entre a liberdade das ruas e a sensação acolhedora da casa, os frequentadores se relacionam, se conhecem, estreitam relações. Acompanhado por um chope e um aperitivo, esse ambiente descontraído é propício para conversas e compartilhamento de conhecimento, estimulando conexões autênticas entre as pessoas. É um espaço versátil, servindo tanto para celebrações, convívio social e lazer, quanto para momentos de solidão e desabafo. O

consumo de bebidas alcoólicas favorece a socialização, proporcionando encontros sociais, celebrações e momentos de lazer. Os botequins o Rio de Janeiro foram reduto de intelectuais, como os pintores Di Cavalcanti e Cândido Portinari, o compositor Ary Barroso, o ex-presidente Getúlio Vargas, o político Osvaldo Aranha e o escritor Machado de Assis frequentavam o bar Casa Villarino, o Café Lamas, a Adega Flor de Coimbra e muitos outros. Outros bares também são referência como reduto do samba, é o caso do bar Bip Bip e do Rio Scenarium. Esse clima de confiança, informalidade e relaxamento, aliado aos elementos arquitetônicos, simbólicos, religiosos e culinários propiciam o conforto fundamental para a construção da "alma" única do botequim; é essa atmosfera que define sua identidade singular.

Ao longo dos séculos as identidades da cidade do Rio de Janeiro e do carioca foram sendo construídas e reafirmadas. Uma cidade e um povo ligados ora ao carnaval e à boemia, ora ócio e à desordem, tornaram-se as visões mais recorrentes sobre o Rio. As lembranças evocadas sobre os anos 30 e 40 trazem a luz a afirmação de um forte espaço boêmio da cidade: o Centro. Os botequins que resistem, considerados hoje patrimônios protegidos pelo IPHAN e pela memória popular, evidenciam que esses estabelecimentos representam não apenas a riqueza culinária da cidade, mas também sua história e identidade cultural.

Podemos perceber que os citados bares cariocas, de destaque na vida boêmia da cidade e muitos ainda em funcionamento, exercem hoje a função de verdadeiros lugares de memória. A sociabilidade se relaciona com a apropriação de um espaço à medida que este último adquire um valor simbólico para um grupo específico de indivíduos. Essa apoderação se sucede devido a sua utilização conjunta norteadas por sentimentos de territorialidade e pertencimento, de modo que não deve ser confundido com a simples materialidade do espaço socialmente construído, nem com um conjunto de forças mediadas por esta materialidade.

O território é sempre, e concomitantemente, apropriação (num sentido mais simbólico) e domínio (num enfoque mais concreto, político e econômico) de um espaço socialmente partilhado [...] (HAESBAERT & LIMONAD, 2007, p. 42).

Os bares Luiz, Brasil, Lagoa, Café Lamas, juntamente com outros estabelecimentos cariocas tradicionais, foram declaradas Patrimônio Cultural Carioca pelo decreto municipal de número 34.869 publicado em 5 de dezembro de 2011, assinado pelo prefeito Eduardo Paes em que se comprometeu a realizar um estudo histórico envolvendo 12 bares tradicionais, considerados notáveis pela cidade do Rio de Janeiro. Os três bares e sua denominação de guerra” ainda mantida representam na atualidade alguns dos últimos vestígios da Segunda Guerra Mundial na cidade do Rio de Janeiro.

No século XXI, as grandes narrativas e instituições memoriais se diluem em memórias descentralizadas e plurais. Nesse contexto, como os empreendimentos familiares afirmam suas identidades comerciais.

1.1. Contexto e herança do Bar Luiz

Dentre esses bares tombados, destaca-se o Bar Luiz que se insere no contexto do tradicionalismo boêmio carioca, já que assistiu e protagonizou 134 anos da história da cidade, sua fundação se deu em 1887, ainda durante o segundo reinado. O bar foi originalmente inaugurado no número 102 da Rua da Assembleia, o fundador e idealizador, Jacob Wendling, deu ao bar o nome de Zum Schlauch, que em tradução livre, significa “a mangueira”. O título de origem alemã, faz referência à tradicional serpentina extensa em comprimento em que circulava o chope antes de ser servido, esta famosa serpentina que atribuiu nome ao bar ficava imersa em gelo para garantir o desfrute de um chope gelado. O historiador Maurício Santos revela que o Bar Luiz: “Foi a primeira cervejaria da cidade do Rio de Janeiro e, muito provavelmente, do Brasil. Desde o início, foi um sucesso “

Jacob Rumjaneck, responsável por estabelecer o hábito de se tomar chope no Rio, era descendente de suíços nascido em Petrópolis, região serrana do Estado. Quando algum cliente no bar optava por cerveja ou vinho, era desafiado por Jacob, por meio de uma queda de braço, a tomar o chope da casa, caso fosse derrotado. Jacob era muito bom nesse duelo, fazendo se tornar popular tanto o chope, quanto o apelido abasileirado do bar de “braço de ferro”, pelas frequentes quedas de braço que aconteciam numa mesa de mármore ao fundo do estabelecimento. Mesas de mármore que foram utilizadas por grandes personalidades como Emílio de Meneses, Paula Ney, Olavo Bilac, Ary Barroso

entre outros, que testemunharam o nascimento da inebriante boemia carioca, tornando-se reduto e ponto de encontro.

Jacob não tinha filhos, mas tinha um afilhado, Adolf Rumjaneck, que foi convidado a trabalhar no bar do tio como caixeiro. Adolf era um rapaz ativo que em pouco tempo se tornou conhecido pela clientela por ter herdado do seu tio Jacob o talento da queda de braço e pelo excelente trato com os frequentadores. Rapidamente foi alçado ao cargo de gerente e, com a ida definitiva de Jacob para a Suíça, assume por completo o comando do bar.

Um dos primeiros momentos históricos que o Bar Luiz vivenciou foi a transição para o modelo republicano após dois anos de império. Os ideais liberais norteavam o imaginário brasileiro e as decisões políticas, bem como o modo de vida e a percepção de desenvolvimento e de urbanidade. O embrião do presidencialismo procurava referência ora na revolução francesa, ora na revolução americana para encorpar seus próprios fundamentos. As modificações urbanas e sociais buscavam aprimorar as condições de vida na cidade do Rio de Janeiro, que vivia imersa em insalubridade naquele contexto; mas sobretudo, buscava superar o período colonial com seu fim ainda tão recente.

Para que essa dimensão de civilização se torne aparente, além da ação policial, era preciso cuidar de alguns outros aspectos: como a falta de um plano urbanístico que definisse sua vocação de futuro em confronto com o passado colonial; a falta de luz elétrica, de esgotos e de água pura; a questão da habitação, associada à da higiene, em função das doenças e febres que assolavam a cidade, no inverno e no verão, dando-lhe um aspecto de atrasada. (RODRIGUES, 2015)

Posteriormente, em 1901, o já tradicional *Zum Schlauch* mudou de endereço devido a complicações no acordo do aluguel. Apesar de continuar na mesma rua, passou do número 102 para o número 105. Com a mudança de endereço veio também a mudança no nome que passou a ser "*Bar Zum Alten Jacob*", uma homenagem do sobrinho Adolf que em tradução livre seria "ao velho Jacob".

Adolf, por motivos de saúde, convida o amigo austríaco Ludwig Vöit para sócio. Em 1926, com a morte de Adolf, Ludwig assume a direção do Bar e em 1927 a terceira e última mudança é feita para Rua da Carioca, número 39, também por razões locatárias. Em 1915, o nome do bar é brasileiroado por imposição de uma lei que proibia a utilização

de nomes estrangeiros nos letreiros das casas de comércio, tornando-o conhecido como "Bar Adolf". Essa lei versava sobre a valorização da língua nacional, que já apontava para a tentativa de construir uma identidade nacional e cultural fortes, além da preocupação com a representação do Brasil para o mundo.

O cardápio que misturava receitas alemães, austríacas e suíças se fundia com características brasileiras na culinária resultando em pratos emblemáticos como a saladas de batata, o bife à milanesa, o joelho de porco e embutidos em geral. Visivelmente a diversidade cultural desde sua criação, contribuiu ativamente para que o bar se tornasse tão reverenciado.

[...] a história de um lugar é o resultado da ação, num determinado momento e sobre um determinado espaço, de processos que atuam em escalas que são ao mesmo tempo desiguais e combinadas. (ABREU, 1998, p. 51)



Fonte: Acervo Bar Luiz "Bar Adolf em 1930"

O Rio de Janeiro seguia caminhos de metrópole. Maior cidade, maior porto, maior centro cultural, maior concentração econômica já que sediava o governo federal. Caracterizou-se por ser, nas palavras de Chalhoub (2001, p. 251) de um “cosmopolitismo desmedido e agressivo”, mas, como nos alerta Chalhoub (2001), tal “progresso” refere-se apenas aos padrões e ao ritmo de desdobramentos econômicos. O progresso social e cultural ainda caminhava a passos lentos. Havia um desejo fervoroso da burguesia carioca de viver os hábitos europeus, transformando a cidade em “Europa dos trópicos”.

A falta de competência das elites para dar conta do movimento que é resultante do progresso. Pela primeira vez há uma consciência do viver urbano e da urbanização (RODRIGUES, 2015)

Entretanto, a ideia simplista de que o Rio de Janeiro almejava ser Europa não condiz com os diversos movimentos populares que fervilharam na cidade nos idos desse mesmo período. Aceleração da urbanização, saúde pública, defesa do menor, ingerência da Igreja, segurança pública e política nacional e internacional eram algumas das pautas discutidas pelo jornalista Olavo Bilac e que colocavam no cerne do debate questões e problemáticas nacionais.

A construção da imponente Avenida Central marca o início de profundas transformações na configuração do centro urbano do Rio de Janeiro. Olavo Bilac em um fragmento de suas crônicas narra esse episódio (1865-1918) de 1904

Há poucos dias, as picaretas, entoando um hymno jubiloso, iniciaram os trabalhos da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas, condenadas. No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles materiais apodrecidos que desabavam. Mas o hymno claro das picaretas abafava esse protesto impotente. ¹

¹ O. B. Crônica. Kosmos, Rio de Janeiro, mar. 1904. In: DIMAS (2006b, v. II, p. 337).

O estilo arquitetônico classificado como art. déco delineou os contornos no prédio onde reside o Bar Luiz. A fachada é estilizada, portanto, pelo uso de formas geométricas, por um design abstrato e emprego de materiais como marfim. Em agosto de 1985, com o apoio de autoridades públicas, esse mesmo conjunto arquitetônico da Rua da Carioca foi tombado como patrimônio histórico municipal. Outros botequins e confeitarias tradicionais também se destacaram nesse período, como a Confeitaria Colombo em 1894, a Casa Paladino em 1906, o Nova Capela em 1923, e acertadamente compuseram a lista de patrimônio cultural da cidade, assim como o Bar Luiz.

Quando o Bar Luiz foi fundado, Dom Pedro II era o Imperador do Brasil, o Rio de Janeiro era a capital do império e estava sendo planejado para ser semelhante as belas cidades europeias, principalmente Paris. Sobreviveu a transição do Império para a República, a Ditadura Militar, o bar acompanhou vários períodos históricos do Brasil. Mudou de nome, endereço por causa do nome de seu proprietário, sendo chamado de Bar Luíz. O local foi palco de reuniões de intelectuais da história brasileira, como Ziraldo, Jaguar e o jornalista Sérgio Cabral. O Bar Luiz oferece, além da cerveja, pratos típicos alemães, como o salsichão, o Kassler (costela defumada) e o Eisbein (joelho de porco), servidos com salada de batata ou chucrute.



A chopeira era um patrimônio à parte. Mesmo depois de modernizada, mantinha peças de maquinaria antiga, com três torneiras (duas para o chope claro e uma para o escuro) conectadas a três serpentinas, de 180 metros cada, segundo revelou, anos atrás, o então gerente Jurandir Gomes, ao pesquisador Julio Roberto Levy

... o chope superlativo, sem adjetivo à altura de sua qualificação, claro ou escuro, não importa, é conspiração dos deuses em conluio com os demônios... Se você pede “na pressão”, o tirador José Nivaldo vai triplicar a espuma. E como o fundo da caldeireta é bom conselheiro, não hesite, peça outra. Você está começando a entender o que faz a estabilidade centenária do Bar Luiz (GOMES, Revista eletrônica Colabora. 2019)

Tudo isso acontece em um salão amplo e bem iluminado, em que se destacam as cadeirinhas austríacas, de madeira, a adornar as mesas de toalhas brancas imaculadas. Nas paredes, as fotografias da cidade do Rio de Janeiro em diferentes épocas, solenemente emolduradas, formam uma linha do tempo que começa com a reforma do prefeito Pereira Passos, em 1906, e chega ao tombamento do estabelecimento, em 1985. Mas não pense que o Bar Luiz evoca a mais longínqua sugestão retrô. A qualidade desta casa histórica está justamente em cruzar o tempo. (GOMES, Revista eletrônica Colabora. 2019)

Capítulo II - Patrimônio e memória

No Rio de Janeiro, os botequins tradicionais são símbolos culturais imateriais da cidade, pois traduzem a “alma e o jeito de ser carioca” representando aspectos da cultura e da identidade local. Desde o ano de 2011, um total de 29 botequins tradicionais cariocas foram declarados como Patrimônio Cultural Carioca (PCC) pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), que é o órgão público municipal ligado à proteção do patrimônio cultural (IRPH, 2020). Esse reconhecimento dos botequins pelo IRPH e pela sociedade carioca se dá pelo valor simbólico, isto é, uma série de características imateriais que tornam estes estabelecimentos patrimonializados singulares e com certos diferenciais perante outros botequins.

Os botequins patrimonializados são considerados “negócios tradicionais”, em razão de quatro características: (1) possuem uma marca (valor de marca) ou reputação reconhecida pelos grupos sociais; (2) preservam o pequeno negócio entre gerações, que pode ser transmitido pela herança familiar ou garantida a continuidade do negócio por um funcionário antigo; (3) preservam técnicas e processos de produção artesanais ou tradicionais; (4) são reconhecidos por moradores e frequentadores como símbolo do território, traduzindo o perfil da região e sua história. Nestes estabelecimentos tradicionais, são preservados diferentes modos de fazer, de habitar e de viver o cotidiano da cidade e do público envolvido nele (clientes, funcionários e proprietários). Um “negócio tradicional” pode compreender, portanto, além do botequim, outros estabelecimentos gastronômicos, tais como restaurante, bar, confeitaria; além de outros tipos de comércio, tais como chapelaria, gráfica, tabacaria, dentre outros (RITTO, 2016).

Para que as memórias sejam formadas e reconhecidas no presente, o indivíduo busca entender o lugar que seu grupo social ocupa e vive dentro de um contexto social. Os contatos, simbolismos e contextos que emanam desse conjunto de referências coletivas - como a família, a escola, a igreja e o trabalho, que o autor chama de “quadros sociais da memória” - estão intimamente ligados ao espaço. Quando a identificação com esses quadros sociais e com o espaço deixa de existir, ou seja, quando há a perda de contato com esses quadros sociais que sustentam a memória, nos quais o sistema geral do passado se organiza, surge o esquecimento.

A cidade é uma das aderências que ligam indivíduos, famílias e grupos sociais entre si. Uma dessas resistências que não permitem que suas memórias fiquem perdidas no tempo, que lhes dão ancoragem no espaço. (ABREU, 1998, p. 86)

Em uma leitura adicional, em DaMatta (1986) vemos que a vida social se constitui entre o mundo “da casa” e “da rua”. Os dois espaços sociais fundamentais não estão em oposição, mas cada categoria sociológica abarca um conjunto de demandas de ordem moral, cultural e relacional que envolve os papéis sociais e espelham a identidade social brasileira.

A designação do título de patrimônio cultural da cidade destacava a fama associada a esses estabelecimentos de venda de chope, assim como às confeitarias e aos restaurantes. Mesmo sem impor formalidades em relação a comportamentos, vestimentas, horários e regulamentos para os frequentadores, logrou criar aspectos que escaparam à capacidade de escritórios ou empresas.

Permaneceram por mais tempo do que muitas instituições do país, presenciaram o progresso da literatura e do desenvolvimento urbano, serviram como refúgio para poetas, jornalistas, políticos, cantores e sambistas, e agora enfrentam as consequências de um plano que não se adequava à realidade do Rio de Janeiro. A cidade que viu o auge do Bar Luiz também foi responsável por seu declínio. E quem sofre com isso é a própria cidade, sua cultura, sua história e seus habitantes.

A missão de identificar cada um dos itens que merecem receber o título fica a cargo do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade que, por sua vez, conta com uma equipe de arquitetos, historiadores e sociólogos encarregados das pesquisas de cada um dos bens culturais da cidade. “O Rio tem uma história muito particular, já foi a capital do país e tem comércios muito antigos, que sobrevivem até hoje. Outra coisa que se destaca é a forma que o carioca escolheu viver na cidade”, destaca Washington Fajarto, presidente da instituição. O arquiteto explica que o estudo dos bens é feito em três frentes: “Procuramos identificar comércios mais antigos, como alguns botequins; os negócios tradicionais da cidade, que teriam risco de desaparecer; e ainda as manifestações culturais típicas do Rio”, explica.

No Brasil, o no segundo mandato de Getúlio Dornelles Vargas (31 de janeiro de 20 de julho de 1934 à 29 de outubro de 1945) implementou o primeiro cuidado com as questões do Patrimônio por meio do Decreto Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937.²³ Este documento, estabelecia a criação do SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), ligado ao Ministério da Cidadania, o órgão tem como função orientar e fiscalizar o Patrimônio Cultural do país junto a tentativa de preservação dos valores históricos da cidade.

O patrimônio material é definido como "o conjunto de bens culturais móveis e imóveis que, por sua vinculação com a história e a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, transcendem o valor material e adquirem significado simbólico, cultural e social" (Brasil, 2006).

O imaginário popular, por meio de suas vivências e experienciais, materializam tais empreendimentos tradicionais como o Bar Luiz, como lugares de memória ao mesmo tempo em que eles redefinem o espaço público a sua volta.

É nesses territórios que uma série de bares foi reconhecida como Patrimônio Cultural Carioca (PCC). Esse reconhecimento foi concedido pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), que visa proteger e promover o patrimônio cultural do município. Registrados no "Livro de Registro das Atividades e Celebrações" e/ou no "Livro de Registro dos Lugares".

2.1 Usos da cidade

O Rio de Janeiro, devido à sua geografia, desempenhou um papel mercantil desde os tempos coloniais. Com a chegada da Família Real em 1808 e a subsequente onda de aristocratas europeus, a paisagem urbana passou por uma transformação significativa. O antigo aglomerado de ruas de terra batida e casas modestas foi gradualmente substituído por uma paisagem cosmopolita, refletindo a presença das famílias europeias e suas influências comerciais.

Nesse sentido, dentro de uma dimensão empírica do olhar para a cidade, considerando o ponto de vista de quem vive nela, mas também de quem se apropria dela a partir de fatores culturais, e dos usos e da ocupação por seus objetos (escolas, igrejas,

bares e restaurantes, casas, comércio, bairros, ruas etc.) dentro de invenções cotidianas criativas coletivas

O Rio de Janeiro é um mosaico, contém diversas cidades dentro de uma. Dentre algumas destas há a cidade do medo; a cidade da criação; a cidade do encontro; a cidade de passagem; a cidade privada; a cidade pública; a cidade da memória; a cidade sem marcas; a cidade da resistência; a cidade do outro; a cidade vigiada; a cidade dos tempos; a cidade dos corpos. As cidades se entrecruzam, sobretudo na esfera subjetiva.

Entretanto, essa mudança foi caracterizada por desorganização, iluminação deficiente e falta de saneamento, o que gerou o aumento da pobreza e a multiplicação de habitações precárias. A situação piorou com o fim da monarquia e o estabelecimento da República, momento em que a necessidade de modernização e a projeção de uma imagem de cidade civilizada tornaram-se prioridades. Foi nesse cenário que o prefeito Francisco Pereira Passos liderou uma ampla reforma urbana entre 1902 e 1906, transformando o Rio de Janeiro em um ícone, embora isso tenha implicado na remoção de parte da população menos favorecida e de pequenos estabelecimentos de comida, como quiosques e botequins (GARÇONI, 2021).

Esse planejamento ganhou materialidade no início do século XX, na então capital do país, Rio de Janeiro, com o prefeito Pereira Passos: “A operação de limpeza da cidade passou a incluir também o afastamento das” classes perigosas”, da nação subterrânea, daqueles que enfeavam a cidade e provocavam tumultos, entendidos como manifestações de uma “barbárie colonial”” (RODRIGUES E MELLO, 2015, p.22).

A progressiva falência dos bares que resistiram às reformas Passos, tipo de comércio do qual os portugueses tinham presença significativa, é explicada não somente pela forte pressão da reforma urbanística, mas também pela imagem que esses estabelecimentos tinham diante da alta sociedade. Para ela, pessoas providas de melhores oportunidades, os bares eram lugares insalubres e serviam para acúmulo de pessoas ditas como indesejadas (pobres, proletariados, prostitutas etc.), e por isso, era de interesse dessa parcela da população que o centro do Rio se tornasse um local mais aprazível e elitizado, conforme o modelo europeu em voga. Não só a burguesia ansiava por intervenções no comércio, uma das razões que explica o declínio dos bares pode ser elucidada pelo já exposto anteriormente: o fato de que a população residente da zona central da capital queixava-se da postura dos proprietários em relação à confiabilidade dos seus produtos.

Sobre a população residente no centro, pode-se acrescentar ainda que o movimento migratório para outras regiões da cidade já era percebido nas duas últimas

décadas precedentes às reformas de 1902 a 1906, contribuindo para um esvaziamento da área, através das medidas adotadas por Pereira Passos. Esse movimento tornou o centro e a zona portuária do Rio de Janeiro de caráter majoritariamente comercial, ideia alicerçada pelo seguinte trecho:

Esse foi um processo pelo qual Passos não tem a totalidade da responsabilidade, pois, em 1872, 1.408 famílias habitavam o espaço central do município do Rio de Janeiro; em 1890, [...] apenas 575 famílias [...] (MENEZES, 2003, p.79).

Essa transformação simbólica da cidade como um ícone teve um impacto significativo no turismo. Embora o Rio de Janeiro já estivesse mencionado no "Guia do estrangeiro no Rio de Janeiro" desde 1873, foi a partir dos anos 1920 que esforços mais consistentes foram feitos para estabelecê-la como um destino turístico de interesse internacional. As batalhas pela narrativa e as intervenções na infraestrutura continuaram a moldar a paisagem urbana ao longo do século XX, com projetos como o Aterro do Flamengo e o desenvolvimento da Barra da Tijuca na década de 1960 (PATERMAN, 2017).

Essas mudanças não foram apenas físicas, mas também simbólicas. A cidade passou a ser não apenas um ícone visual, mas também um espaço social único. Esse contexto histórico e simbólico deu origem a ações no século XXI relacionadas ao turismo e ao patrimônio, incluindo as tentativas do Rio de Janeiro de obter o título de Patrimônio Mundial da UNESCO. Em 2001, o Rio fez sua primeira tentativa de entrar para a Lista do Patrimônio Mundial, enfatizando a ligação da população com a beleza da paisagem e seu impacto nas atividades de lazer. Contudo, o processo foi considerado incompleto, e somente em 2012 a cidade foi reconhecida como a primeira área urbana do mundo a receber o título de Patrimônio Mundial na categoria de Paisagem Cultural, destacando a interação singular entre a cidade e a natureza.

Essas iniciativas de reconhecimento foram alinhadas à necessidade de redefinir a imagem do Rio de Janeiro, especialmente após a intensa utilização do conceito de "cidade maravilhosa" para atrair turistas. A cidade esteve envolvida em eventos de grande porte,

como os Jogos Pan-Americanos (2007), a Copa do Mundo (2014) e os Jogos Olímpicos (2016), o que resultou em grandes transformações urbanas e renovação de espaços públicos nas áreas turísticas, incluindo aquelas abarcadas pelo conceito de Patrimônio Mundial, como o centro histórico.

2.2 O movimento antinazista no Rio de Janeiro

Durante a Revolução de 1930 no Brasil, o Bar Luiz, localizado no Rio de Janeiro, foi um ponto de interesse em meio ao cenário político conturbado. Este estabelecimento, frequentado por artistas, intelectuais e figuras proeminentes da época, acabou sendo envolvido em tensões políticas por ser associado a um suposto apoio ao movimento político contrário à revolução em curso.

Em meio à agitação política, surgiram rumores de que o Bar Luiz simpatizava com o lado político oposto à revolução em andamento. Essa percepção levou a um clima de hostilidade, culminando em uma multidão exaltada que ameaçava apedrejar o estabelecimento como forma de protesto ou represália.

Nesse contexto delicado, Ary Barroso, renomado compositor brasileiro e frequentador assíduo do Bar Luiz, desempenhou um papel crucial. Ary, reconhecido por sua influência na cena cultural e musical do país, interpôs-se entre a multidão enfurecida e o bar.



Panfleto do Bar Luiz quando ainda levava o nome de “Adolf”

Fonte: acervo digital do Bar Luiz

Demonstrando coragem e habilidade persuasiva, Ary Barroso subiu ao balcão do estabelecimento e, por meio de sua eloquência e carisma, conseguiu acalmar os ânimos exaltados da multidão. Sua intervenção decisiva impediu o ataque iminente ao Bar Luiz, evitando danos materiais e preservando um ponto de encontro emblemático da vida

Casos bastante semelhantes, e pelas mesmas razões, aconteceram com outros bares cariocas de tradição alemã. O Bar Berlim, fundado em 1934 na Avenida Epitácio Pessoa, chegou a ter a fachada apedrejada e foi renomeado para Bar Lagoa, como ainda é conhecido. O Bar Brasil, localizado no bairro da Lapa, passou a essa denominação patriótica também em 1942, já que havia sido fundado em 1907 como Bar Zeppelin e logo ficou conhecido como Bar Germânico ou Alemão da Lapa. Outro Bar Zeppelin seria inaugurado em 1937 por um imigrante austríaco no bairro de Ipanema e, durante a guerra, passaria a ser o brasileiríssimo Bar Santos Dumont, retomando a denominação original alguns anos depois. Curiosamente, este Bar Zeppelin, aparentemente o único que retomou o nome original, é também um dos poucos desta lista que não está mais em funcionamento.

Outro estabelecimento extinto é o Bar Jangadeiro, fundado em Ipanema em 1935 por um imigrante alemão como Bar Rhenania. Durante a guerra, “como muitas casas alemãs, foi invadido e depredado”, levando o proprietário a alterar o nome, usando como referência a Rua Jangadeiros, onde se localizava.

Os ataques e as consequentes mudanças nos bares e em outras realidades da cidade refletiram um sentimento de resposta aos ataques estrangeiros. A cidade tornou-se palco efetivo dos reflexos da guerra europeia e a “arena simbólica” passou a conter também o embate corporal e a depredação física. A cidade, ou o espaço, aqui, passa a protagonizar nossas análises. Como destaca Maurício Abreu, não podemos observar os espaços físicos onde se desenrolam as ações históricas no tempo apenas como um lugar abstrato, como se a ação pudesse ocorrer da mesma maneira e com as mesmas características, fosse qual fosse o lugar em que acontecesse que toma palco. Toda a ação, afinal, ocorre em determinado tempo e em determinado espaço.

[...] é fundamental que não esqueçamos jamais que a história de um lugar é resultado da ação, num determinado momento e sobre um determinado espaço, de processos que atuam em escalas que são ao mesmo tempo desiguais e combinadas. Assim, a história de um lugar não pode se ater apenas aos processos puramente locais que aí tiveram efeito. Ela precisa relacioná-la a processos mais gerais, que atuam em escalas mais amplas (regional, nacional, global) da ação humana. (ABREU, 1998, p.21)

Não estão mais presentes na cidade os estudantes e as manifestações com o "V de Vitória", mas estes estabelecimentos e sua trajetória, particularmente seus nomes comerciais, são espaços físicos capazes de preservar um momento histórico singular da cidade e transportar-nos, por vezes pela simples menção de seu nome pós-guerra, a um engajamento popular e uma notável memória coletiva.

Capítulo III - Gentrificação

O termo 'gentrification' foi criado pela socióloga britânica Ruth Glass, em 1954, para investigar as mudanças imobiliárias pelas quais passavam os bairros operários londrinos. O processo teve início em 1950 culminou em uma elitização de certos bairros operários, a partir do aumento do aluguel das casas e apartamentos que, aos poucos, trocou o perfil socioeconômico dos moradores da vizinhança e, dessa forma, instalou um processo de 'gentrification' que, rapidamente, vai se espalhando até que a maioria dos ocupantes trabalhadores originais são deslocados, e todo o caráter social do bairro é alterado. Com o passar dos anos, de acordo com SMITH (2006), o que era apenas uma anomalia local se tornou uma estratégia urbana global que se difundiu por inúmeras cidades. Hoje esse fenômeno pode ser observado em cidades de países ricos e industrializados, como no seu início, em 1970, mas também em países do Norte e do Sul, nas cidades grandes e nas pequenas (PAES, 2017).

Geralmente, a gentrificação se inicia com investimentos públicos ou privados em infraestrutura, serviços e renovação urbana, o que valoriza imóveis e atrai novos residentes com maior poder aquisitivo. Esse influxo de pessoas com maior renda muitas

vezes implica um aumento nos preços dos aluguéis e imóveis, levando à expulsão das comunidades de baixa renda.

Diversos fatores desencadeiam e alimentam o processo de gentrificação, como políticas governamentais de revitalização urbana, investimentos em transporte e infraestrutura, especulação imobiliária e o interesse crescente por áreas urbanas centrais. Isso tem efeitos socioeconômicos profundos, gerando mudanças na composição demográfica, na cultura local e no acesso a serviços e recursos para os residentes originais.

Os impactos da gentrificação são controversos. Enquanto alguns enxergam melhorias na qualidade de vida, com a revitalização de áreas degradadas e atração de serviços melhores, outros apontam a exclusão social e a perda da identidade cultural dos bairros historicamente ocupados por comunidades marginalizadas.

Atualmente, a gentrificação é um tema em constante discussão, principalmente devido às preocupações com a justiça social e a equidade urbana. Movimentos de resistência têm surgido, buscando políticas que garantam a permanência e proteção dos residentes originais diante das mudanças em seus bairros. Além disso, há um crescente interesse em estratégias de planejamento urbano que busquem equilibrar o desenvolvimento urbano com a preservação da identidade local e o acesso igualitário aos benefícios gerados pelas transformações urbanas.

Desde a transferência do polo administrativo para o Monte Castelo, atual centro do Rio, as transformações urbanísticas marcaram a evolução da dinâmica social do Rio de Janeiro. Foram transformações que provocaram complexos processos de exclusão à população de baixa renda por meio da limitação do espaço geográfico da cidade. As primeiras favelas cariocas já eram exemplos de delimitação do espaço através de políticas de urbanização discriminatórias.

O objetivo da “revitalização” do centro do Rio, próximo a região portuária é claramente admitida pelo governo carioca em concretizar novos padrões de ocupação desta área. Para atingir este objetivo, segundo os pesquisadores do Observatório das Metrópoles, os governos municipais revisaram inúmeras vezes, ao longo dos anos, o plano diretor da cidade estabelecido nos anos 90, construindo dispositivos que respaldassem as ações tomadas. Logo, viriam os grandes eventos esportivos, Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos, e esses eventos contribuíram para acelerar a ambição do governo carioca em transformar o Rio de Janeiro em cidade global, no sentido mais comercial do termo.

No século XX a gentrificação carioca foi motivada por reformas urbanas, higienização social, tentativa de expulsar o habitante indesejável, mudança no caráter cultural, identitário e arquitetônico da cidade. Hoje, no século XXI as motivações são fundamentalmente as mesmas, com a diferenciação da briga mercadológica pela região central do Rio por grandes empreiteiras que tornaram essa disputa injusta.

A gentrificação é um fenômeno complexo e multifacetado que tem sido objeto de estudo e debate em diferentes disciplinas, especialmente na geografia urbana, sociologia e planejamento urbano. Este fenômeno descreve o processo de transformação urbana em bairros anteriormente degradados ou historicamente habitados por comunidades de baixa renda, que, devido a investimentos e melhorias urbanas, passam a atrair uma população de renda mais alta.

Em um artigo publicado na revista eletrônica e-Metropolis o geógrafo Christopher Gaffney, da Universidade de Zurique, afirma que

Assim como a natureza de soma zero do esporte moderno, os megaeventos criam divisões severas entre vencedores e perdedores. No Rio de Janeiro, esses traumas são distribuídos de maneira desigual. Nos próximos anos, é provável que proprietários de imóveis de classe média baixa em favelas ocupadas pelas UPPs estarão em melhores condições econômicas do que locadores no mercado formal na Zona Sul. No entanto, aqueles que estão tentando acessar o mercado formal encontrarão inúmeras barreiras à sua entrada nesse mercado. Claramente, aqueles nas faixas de renda mais baixas sempre sofrerão os piores efeitos da gentrificação: táticas de intimidação, insegurança residencial e remoções forçadas. Se formos entender a habitação como um direito humano fundamental, questões de gentrificação e deslocamento precisam estar na dianteira das agendas política e social (GAFFNEY, 2013, p. 13)

O texto do professor Christopher Gaffney é claro em relação a necessidade da discussão sobre os processos de gentrificação, e os motivos explicitados, embora se predomine o senso comum, é de conhecimento da população. Não é somente na região portuária que ocorre a intervenção do município, mas em todas as zonas da cidade do Rio de Janeiro. Os processos de gentrificação são amplamente discutidos em comunidades cariocas como a favela do Vidigal, provando o conhecimento da população sobre este assunto.

Mas o que toda essa história tem a ver com o Bar Luiz? O forte fenômeno de gentrificação no centro urbano do Rio de Janeiro não somente ameaçou, mas provocou o fechamento de diversos estabelecimentos históricos que resistiam com muito esforço para que suas portas continuassem abertas. Grandes grupos empreiteiros, com o objetivo de mudar o caráter urbanístico e cultural do Rio, buscaram de diversas formas desapropriar o Bar Luiz, assim como outros bares e restaurantes, para dar lugar a grandes edifícios comerciais, shoppings, empresas, pontos turísticos rentáveis.

A rua da carioca, bem como outros espaços do centro, foi vendida para o grupo Opportunity. Essa empresa tinha como objetivo transfigurar em um boulevard o que foi um centro vibrante de comércio e caminho de escritores, poetas, atores, músicos, políticos, jornalistas, juristas em diferentes períodos durante séculos. contado de lá para cá. Um rio de histórias e memórias, nossa Rua da Carioca.

Em 2012, o Opportunity Fundo de Investimentos comprou o primeiro lote de 19 sobrados remanescentes do Brasil dos anos 1930, além de outros 23 imóveis históricos em outras ruas do Centro do Rio, que pertenciam à Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Tudo por R\$ 54 milhões, valores da época. A Ordem vendeu para pagar dívidas e atropelou a lei ao não dar preferência de compra aos inquilinos, em atitude nada venerável.

Feito isso, o banco de Daniel Dantas lançou para inquilinos históricos do lado ímpar da Carioca, o tiro de misericórdia, elevando do dia para a noite os aluguéis a valores que chegavam a R\$ 100 mil mensais. Despejando seus ocupantes, com a força do dinheiro que destrói coisas belas. Asfixiados, os comerciantes foram entregando os pontos.

A paisagem da área central da cidade do Rio de Janeiro se configura, hoje, como síntese de um processo histórico que agrega diferentes morfologias, fruto de anseios modernizantes de épocas distintas, que (re)produzem, espacialmente, a ideologia das camadas dominantes da sociedade. Para Milton Santos:

A paisagem é trans temporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. (...) A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. (...) essa materialidade sobrevive aos modos de produção que lhe deram origem ou aos momentos desses modos de produção. (SANTOS, 2006, p. 66)

As remoções de moradores das regiões Portuária e Central e a especulação imobiliária são outra face desse mesmo processo. Devido à compra de diversos sobrados da Rua da Carioca por um fundo de investimento imobiliário, os aluguéis dos imóveis subiram. Com dificuldades para arcar com os novos valores, o Bar Luiz foi ameaçado de despejo. Devido à importância histórica do imóvel e ao apelo da opinião pública, a Prefeitura do Rio de Janeiro desapropriou o sobrado em 2014. Mas, ainda assim, as dificuldades persistiram. Em 2019, o Bar anunciou o seu fechamento, 134 anos após o início das atividades. A notícia causou uma grande comoção entre frequentadores assíduos e militantes do patrimônio. Nas redes sociais, a campanha #ficabarluiz buscava apoiar a permanência do negócio centenário. Dada a mobilização, longas filas de clientes se formaram, “salvando” o local do fechamento.

Em uma roda de entrevistas para o jornal O Dia, comerciantes que tem ou tinham seus empreendimentos estabelecidos no Centro do Rio e que foram prejudicados de alguma forma sobre o fenômeno que está sendo abordado nesse capítulo, falam sobre suas experiências e relatos pessoais sobre as consequências sofridas pelos seus estabelecimentos.

Roberto Cury, presidente da Sociedade dos Amigos da Rua da Carioca declara “Queremos que a Prefeitura do Rio desaproprie todos os imóveis comprados pelo Opportunity. Ela precisa conservar a história da cidade e não pode deixar que destruam nosso patrimônio”²

Outros estabelecimentos sangraram pela perversidade engendrada pelo grupo imobiliário, como foi o caso da Vesúvio, loja de sombrinhas e guarda-chuvas, e a Irmãos Castro, que vende malas e materiais de construção, são dois dos dez comércios que estão na mira de despejo imposta pelo grupo Opportunity. Em 2013, ambos foram tombados pela prefeitura.

Henrique Cardoso, dono da Irmãos Castro, que tem mais de 45 anos de tradição no mercado relata as discrepâncias locatárias responsáveis pela falência de inúmeros estabelecimentos seculares “Eles (o Opportunity) estão me cobrando R\$ 35 mil de aluguel, sendo que eu pago R\$ 10 mil. Tentei negociar, mas estão irredutíveis e disseram que é para eu me preparar para fechar as portas”.²

² disponível em: <<https://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-03-29/tradicional-bar-luiz-escapa-de-ser-despejado-da-rua-da-carioca.html>>

A iminência do fechamento do Bar Luiz, fez com que se aflorasse o espírito do carioca. Afinal, não há nada mais carioca do que se mobilizar para evitar o encerramento de um tradicional bar da cidade. Quando se fecha uma instituição dessa magnitude, o Rio vai perdendo sua áurea e o que ainda resta de sua essência. É uma cidade que hoje, em parte, vive de nostalgia. Quantos estabelecimentos o carioca viu fechar nas últimas décadas devido as paulatinas e sistemáticas crises que tanto abalam a cidade? Quando se entrava no Bar Luiz, em contraste à movimentada e cosmopolita vida do centro do Rio, trejeitos como o icônico número 39 da fachada, o vasto salão de móveis rústicos, as gravatas-borboleta dos garçons, e o chopp saindo estupidamente gelado da clássica serpentina, ajudavam a construir um imaginário até para quem não chegou a viver nem um quinto da história desse templo da boemia carioca.

O fechamento do Bar não se atribuiu unicamente aos ataques do grupo imobiliário, mas também a má administração e ao declínio do que antes era inquestionável: a qualidade do chope e da comida servida a clientela. A soma de alguns fatores ocasionou no fechamento das portas de ferro em 2020, sem previsão de volta. Independente do motivo de seu fechamento, quem perde somos nós, moradores do Rio, que estamos presenciando atualmente um novo desmonte centro cultural da nossa cidade que continua sendo bela, embora um pouco mais vazia.

3.1 Dos anos de ouro ao esvaziamento da cidade

Em meio às dívidas e ao abandono da região Central do Rio - depois da euforia dos grandes eventos e com o ingresso da cidade em uma crise moral, política e econômica-. Novas tentativas para que o bar voltasse a funcionar foram feitas desde então. Em uma delas, em dezembro de 2021, uma roda de samba - outro símbolo imaterial da cultura carioca, de acordo com decreto de 2020 - foi realizada em uma tarde de domingo, para levantar fundos a serem empregados na reforma do local.



Fonte: acervo digital da associação amigos da Rua da Carioca

A realidade de áreas urbanas reconhecidas pelo seu valor patrimonial muitas vezes difere da narrativa comum da gentrificação. Em vários contextos em que a preservação do patrimônio histórico não é acompanhada por ações consistentes de restauração e revitalização, observamos um desdobramento distinto. Em vez de testemunhar o fenômeno da gentrificação, o que se desenrola é um processo gradativo e persistente de deterioração. Isso não se assemelha à ascensão de novos moradores ou à valorização imobiliária, mas sim a um esvaziamento gradual tanto em termos de funcionalidade quanto de relevância simbólica nos núcleos históricos.

No caso específico do Brasil e em situações análogas, esse declínio progressivo contribui para a desconstrução da concepção direta de que a preservação do patrimônio automaticamente induzirá à gentrificação. É importante notar que o reconhecimento do valor histórico por si só não garante o ressurgimento vibrante dessas áreas ou um investimento contínuo em sua revitalização. Pelo contrário, pode desencadear um esvaziamento gradativo, minando sua vitalidade funcional e diluindo seu significado simbólico ao longo do tempo.

Foi destacado aqui, dentre outros aspectos que explicam essa resistência, a sociabilidade como pilar de relevância inegável para a manutenção da essência desses bares históricos que fizeram e fazem parte da cultura urbana carioca. A tradição, assim, não se vê somente associada à antiguidade desses bares, mas também à memória coletiva concebida a partir da interação entre os atores dessa dinâmica (população de entorno, habitués, proprietários e funcionários) vivida nesses ambientes, tendo-se identificado especialmente este elemento das sociabilidades como aquele responsável por fazer com que os bares tradicionais cariocas sejam considerados bens culturais da cidade.

Diante dessa realidade, é necessário repensar as políticas de revitalização das áreas portuárias como uma alternativa verdadeira para que seus cidadãos mantenham acesso a esses locais e, assim, garantam o direito à cidade sem as segregações econômicas e psicológicas então ocasionadas. Felizmente, já se inicia essa conscientização. Novas políticas de revitalização estão sendo substituídas por políticas de reabilitação e requalificação. Entretanto, ainda são realizações pontuais e estão em fases de estudo no Brasil. Essas novas políticas têm como uma das bases o incentivo à construção, reabilitação e adaptação/requalificação de residências nas áreas históricas.

No caso das áreas portuárias, grandes armazéns e outros edifícios podem se transformar em um número diversificado de residências, escolas, postos de saúde etc., diminuindo o déficit habitacional e consolidando uma vida cotidiana nesses espaços. É necessário oferecer serviços básicos às populações tradicionais, incentivar o comércio e a consequente geração de empregos, não aceitando o processo de gentrificação como algo inevitável.

Tudo isso, aliado a outras políticas de acolhimento, desmotivará a transferência da população tradicional para outras áreas das cidades, contribuindo para a diminuição do desemprego, o controle do espraiamento urbano, a redução da favelização e a ocupação de áreas irregulares.

Considerações finais

Pesquisar sobre esse tema foi inenarrável, pude notar que existem muitas camadas para além do que eu havia imaginado quando escolhi inicialmente essa linha de pesquisa.

A monografia tem como foco o Bar Luiz, as grandiosas contribuições que esse estabelecimento teve na construção do ideário da “carioquice” e o rico arsenal cultural que esse botequim detém quando o assunto é contar histórias, visto que em 134 anos esteve no centro de diversos acontecimentos memoráveis. Aproveitamos para versar sobre os outros botecos que se localizam na mesma região, sobre a importância social que cada um teve dentro da organização da cidade, para o nascimento do samba e da bossa nova, para os movimentos estudantis, para o desenvolvimento de vários hábitos tão particulares do nosso DDD 021.

Por isso foi atribuído ao Bar Luiz o título de Patrimônio Cultural Carioca, junto com outros 11 bares. O Bar Luiz carregará para sempre a responsabilidade de ser um lugar de memória, um respiro de nostalgia localizado em uma avenida movimentada.

O trabalho também adentrou sobre o uso que a população fazia do Rio de Janeiro, isso é, manipulava os estabelecimentos como parte da sua própria casa, usavam as ruas para manifestar suas poesias, suas músicas, suas crenças.

Foi possível compreender durante a pesquisa que os reflexos da Segunda Guerra Mundial ecoaram pelos salões dos nossos botequins, provocando mudanças de nome e em alguns casos até fechamento do Bar.

Assim como em outros episódios historiográficos, o centro urbano do Rio de Janeiro assiste a um fenômeno sistêmico que já ocorreram em outras grandes metrópoles, e que inclusive já acometeu esse mesmo centro urbano há uma década. Me refiro ao fenômeno da especulação imobiliária que dizimou grande parte dos locais que crescemos frequentando, e ao esquecimento e apagamento tão cruel da nossa história.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, André Nunes de. **A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso**. Rio de Janeiro. Editora Mauad X, 2017.

BARRA, Sérgio Hamilton da Silva. “Luiz Edmundo e a boemia do Rio de Janeiro do seu tempo”. **Revista Maracanan**, [S.l.], n. 12, p. 167-183, jul. 2015. ISSN 2359-0092. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/17408/13268>>. Acesso em: 21 out. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/revmar.2015.17408>.

BENCHIMOL, Jaime L. “Reforma urbana e revolta da vacina na cidade do Rio de Janeiro”. In: Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves (Org). **Brasil Republicano. Economia e sociedade, poder e política, cultura e representações**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, vol1, p. 231-286, 2003.

NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”. In: CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Editora da UNICAMP/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 78.

MALLMANN, Marcela Cockell. “Pelos becos e pela avenida da Belle Époque carioca”. **SOLETRAS**, [S.l.], n. 20, p. 105-118, dez. 2010. ISSN 2316-8838. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5168>>. Acesso em: 17 nov. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/soletras.2010.5168>

RODRIGUES, Antonio Edmilson M; CARRIS, Luciene. **‘De Colina Sagrada a ‘Dente Cariado. A modernidade carioca e o desmonte do morro do Castelo (1822-1922)**. Rio de Janeiro: Ayran Editora, 2024.

RODRIGUES, Antonio Edmilson M. “Em algum lugar do passado. Cultura e História na cidade do Rio de Janeiro”. **Anais do seminário Rio de Janeiro capital e capitalidade**. UERJ: Departamento de Cultura, 1993.

Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

Fontes digitais

CHAGAS, Daiane. **História do Bar Luiz**. Site Bar Luiz. 2014

Disponível em: <https://www.barluiz.com.br/curiosidades/>. Acesso em: 6 out. 2022

Sítio digital do Bar Luiz. Disponível em< <https://www.barluiz.com.br/curiosidades/>> Acessado em 1 mai. 2022.

Revista Memória em Rede, Pelotas, v.15, n.28, Jan/Jun 2023 – ISSN- 2177-4129.

Acesso em: 12/05/2023 Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>

GAFFNEY, Christopher. Forjando os anéis. A paisagem imobiliária pré-olímpica no Rio de Janeiro. 2013. **Revista eletrônica e-Metrópolis**. Acesso em: 08/12/2022 Disponível em

<http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo_pdfs/000/000/015/original/emetropolis_n15.pdf?1447896356>

Fontes utilizadas:

ABREU, Mauricio de A. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987

ABREU, Maurício de Almeida. Pensando a cidade no Brasil do passado. In: SILVA, José Borzacchiolo da (org.). A cidade e o urbano: temas para o debate. Fortaleza: EUFC, 1997, p. 27-52.

Sobre a memória das cidades. Território. Rio de Janeiro, UFRJ/Laget, v. 3, n. 4, p. 5-26, jan./jun., 1998.

RODRIGUES, A. E. M. “O Rio de Janeiro da Bela Época”. **PUC CIENCIA**, v, 02, p. 5-9, 1988

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 66-68.

SIMAS, Luiz Antonio. Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2019.